

4

**A pesquisa-intervenção através das imagens técnicas:
Negociando sentidos na construção do documentário**

É obvio que só podemos mudar a relação com a mídia – com esse modo de produção de subjetividade – através de um mínimo de reapropriação dos meios de comunicação (Guattari, 2007, p.141)

Antes de apresentarmos os acontecimentos que se sucederam à aprovação da pesquisa em assembléia, trazendo as reflexões teóricas e os fragmentos do diário de campo que envolveu a construção do documentário, cabe um retorno no tempo. As oficinas realizadas com os alunos do Invest em 2008 haviam colocado questões metodológicas importantes. Ao analisarmos as imagens, ficava nítido o posicionamento pouco expressivo da câmera na relação com os alunos. Situada fora do círculo de discussão, era como se estivesse implícito uma intenção de “suavizar” sua presença na cena. Como consequência, ficava evidente uma tentativa de relativizar nossa própria presença enquanto pesquisadores, aproximando-nos de uma pretensa postura de neutralidade. A discussão sobre o uso desse aparato técnico ainda estava em curso durante o processo, e apesar de buscarmos outros modos de conhecer, nossa postura acabava reforçando o paradigma positivista calcado na representação. Em outras palavras, era como se houvesse uma verdade a ser extraída daquele grupo e representada adequadamente pelo pesquisador, independentemente de nossa intervenção e das condições de fala que foram geradas naquele local.

Posteriormente, passamos a olhar aquele episódio no campo de pesquisa enquanto um *mal entendido promissor* (MORAES, 2008), colocando em risco nossa observação e retificando os modos de interrogar o outro, incluindo as formas de agir e intervir naquele campo. Tal conceito aponta para uma positividade nos “erros”, que muitas vezes ocorrem nas pesquisas de campo. São eles que nos dão pistas para rever nossa posição e formular as boas perguntas necessárias para mudar os rumos da pesquisa, sempre as voltas com questões éticas, políticas e estéticas. Para Moraes (2008), o sujeito interrogado não ocupa

um lugar de objeto na investigação, sendo responsável por fornecer ao pesquisador as suas próprias questões de pesquisa.

Esse mal entendido nas oficinas do Invest ocupou um ponto decisivo, permitindo outros entendimentos e modos de fazer uso das imagens técnicas na pesquisa. Um dos pontos de ruptura mais importantes que se deu a partir deste fato diz respeito à percepção de que se fazia necessário tensionar ao máximo as implicações da presença da câmera no campo, abrindo para a possibilidade de que compreendêssemos a imagem técnica contextualizando-a em todo o seu processo de criação. O produto final deste processo visto isoladamente esconde as práticas e sentidos que lhe deram origem, logo, olhar uma imagem diz respeito à capacidade de encontrar os textos contidos na mesma (JOBIM E SOUZA, 2011; GODINHO, 2011). A narrativa que atravessa uma imagem carrega formas de invenção do mundo como abstração conceitual, e ao entrarmos em contato com ela, um determinado mundo se revela através de conceitos.

Na condição de produtos culturais, as imagens proporcionam determinadas maneiras de enxergar, sentir e interpretar a realidade, mediando nossa relação com o mundo. Nesse sentido, mais do que retratar a temática abordada através do recurso técnico da vídeo-gravação, nossa proposta metodológica de uso da câmera prezou pela criação coletiva de imagens-conceitos (JOBIM E SOUZA, 2011) a fim de apresentar o universo de um pré-vestibular comunitário ao espectador, sem com isso encerrarmos as possibilidades de discussão presentes nas imagens.

Nos dias atuais, os fluxos de imagens cruzam os espaços públicos e privados de maneira intensa, afetando especialmente os habitantes das grandes metrópoles. A fotografia, o cinema, a televisão e, mais recentemente a internet, interferem diretamente nos modos como percebemos o mundo e a nós mesmos. Essas máquinas de visão, criadas a partir do século XIX, “são assim incorporadas à experiência do homem contemporâneo como extensões do seu próprio corpo, desencadeando comportamentos que questionam as polarizações entre natureza e cultura, sujeito e objeto, tecnologia e sociedade.” (JOBIM E SOUZA, 2011, p. 207)

O uso dessas tecnologias abre novas frentes e possibilidades narrativas para o homem contemporâneo a respeito de suas experiências. Somos, então, convocados a pensar sobre os modos de participação na criação da cultura, tendo em vista que “o que se vê não se restringe ao caráter representacional da realidade,

mas sim a verdadeiras máquinas de produção de subjetividade.” (MIRANDA, 1996, p.24)

Segundo Guattari (2007), a produção de *subjetividade capitalística* opera em grande parte através das imagens veiculadas na grande mídia, comercializando modos padronizados de vida. O autor afirmava na década de 1980, em comparação com outros países da Europa, que o papel da mídia no Brasil era extremamente centralizador dos processos de modelização subjetiva, muito mais eficazes do que partidos políticos, escolas ou instituições religiosas. Apesar das transformações possibilitadas a partir da popularização da Internet, que viabilizou a produção e divulgação de mídias alternativas, em linhas gerais, podemos considerar que sua afirmação ainda faz bastante sentido nos dias atuais.

Com isso, coloca-se a questão do risco na possibilidade de naturalização das imagens técnicas, no momento em que se perde uma relação de significação com as mesmas, inviabilizando a possibilidade de contemplar os conceitos e intenções que operam através delas. É nesse sentido que entendemos a proposta de pesquisar fazendo uso da câmera, visto que os modos de produção de conhecimento precisam estar em diálogo com as práticas sociais cotidianas. O uso da imagem técnica na pesquisa em ciências humanas nos ajuda a problematizar e compreender um período histórico atravessado por tecnologias audiovisuais (JOBIM E SOUZA, 2011; GODINHO, 2011). Além disso, permite apropriações desta ferramenta que escapem de narrativas massificadas, comprometidas com interesses hegemônicos.

O que vai permitir o desmantelamento da produção de subjetividade capitalística é que a reapropriação dos meios de comunicação de massa se integre em agenciamentos de enunciação que tenham toda uma micropolítica e uma política no campo social. (Guattari e Rolnik, 2007, p. 141)

A vídeogravação na pesquisa de campo instaura outros modos de discursividade entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, evidenciando as negociações na produção de sentidos compartilhados, sempre provisórios e implicados politicamente. No tópico seguinte, abordaremos como foi realizada essa construção do documentário partilhada com os membros da AMV, revelando

um campo de tensões que envolvem uma prática interessada em fazer com o outro.

4.1

Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça: Filmando o fórum de pré-vestibulares comunitários

Com a definição da AMV enquanto campo de pesquisa precisávamos marcar uma primeira reunião para iniciar a discussão sobre a construção do filme. Havia muitos eventos e reuniões marcadas nas semanas seguintes, e só conseguimos agendar esse encontro para o final de julho, o que trazia alguns impasses. Algumas daquelas atividades seriam extremamente importantes para discussão pretendida no documentário, principalmente o fórum de pré-vestibulares comunitários, onde diferentes iniciativas compartilhariam suas experiências com o objetivo de fortalecer suas práticas, discutindo uma agenda comum enquanto movimento. O interesse de registrar aquele encontro era de todos e acabamos optando por acompanhar Joli e Marcos, que seriam os representantes da AMV naquela ocasião, munidos de duas câmeras. Porém, não tivemos tempo hábil para pensar coletivamente a forma como faríamos esse registro, fato que já nos colocou frente a questões e mal entendidos envolvendo o lugar do pesquisador e a realização concreta daquela proposta de produção compartilhada.

As discussões no grupo de pesquisa, naquele momento, buscavam se aprofundar em questões metodológicas com base em diferentes propostas utilizadas no cinema-documentário¹. Na reunião que acabou sendo preparatória para a saída de filmagem do fórum, havíamos assistido e debatido o documentário “Eu, um negro” do cineasta, antropólogo e etnólogo Jean Rouch. Aquela proposta de construção cinematográfica abria caminhos interessantes para pensar nossa metodologia no campo. O filme de 1958 acompanhava a vida de alguns imigrantes nigerianos em Treichville, bairro de Abidjan, uma das então novas

¹ Parte destas discussões está presente na seguinte dissertação de mestrado: Godinho, D. **O encontro entre o pesquisador e seu outro mediado pelo uso de imagens técnicas: reflexões acerca da produção de conhecimento em ciências humanas**. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

idades africanas que recebiam jovens desempregados, partindo em busca de integração naquele cenário moderno que se configurava no continente. O interessante era que havia sido construído da seguinte maneira: O diretor pediu aos rapazes que são acompanhados em seu filme para interpretarem, em situações verdadeiras, personagens criados por eles mesmos. Depois, os mesmos rapazes dublaram suas falas e adicionaram outras, baseando-se no que viam na tela, sem áudio.

A relação direta com as fronteiras entre ficção e realidade, permitindo a construção de formas de existir a partir do recurso das imagens técnicas, parecia indicar uma influência interessante para nossa aposta metodológica com a realização do filme. Fomos ao campo atravessados por essa discussão, despreocupados com a captação de som, já que apresentaríamos a proposta de Joli e Marcos serem narradores de si mesmos ao ver as imagens. Daniel e Danilo fariam a captação com duas câmeras, uma delas em uma posição mais fixa e a outra móvel, enquanto eu participaria mais livremente, ocupado com as anotações para o diário de campo.

Entretanto, no decorrer da atividade nos deparamos com falas e debates de extrema relevância para a pesquisa. Em uma rodada de apresentação iniciada com a AMV, Marcos comentava sobre o trabalho de ensinar os alunos a reconhecer que tinham direito a falar, através da participação nos espaços coletivos. Sua fala me incluiu na condição de mais novo integrante do movimento. Disse que para alguém como eu, que teve uma formação universitária e vinha da classe média, era fácil falar em espaços como aquele. No entanto, para um aluno do curso que muitas vezes não teve essa vivência de poder se expressar em qualquer espaço, isso não se dava assim. Em seguida, abordou a questão da divisão democrática do poder de decisão dentro do curso, novamente me tomando como exemplo. Segundo ele, o fato de eu ter ingressado na AMV há poucos dias não fazia com que eu tivesse menos poder de voz e voto do que ele ou a Joli nas decisões.

Na medida em que os cursos foram se apresentando, alguns pontos em comum ficavam evidentes, como a busca por uma educação emancipatória, a formação do pensamento crítico, a gestão coletiva, o combate aos preconceitos e uma orientação política de esquerda. O tema central desta dissertação, ao qual buscava me aproximar, era debatido e negociado naquele espaço, porém, ao assistir as imagens captadas, o que se via eram falas entrecortadas, com uma

qualidade de áudio ruim. A preocupação em captar apenas imagens daquele encontro, fez com que diálogos importantes para nossa discussão, gerados num encontro daquela qualidade, ficassem perdidos ou captados em pequenos trechos, com cortes abruptos. Além disso, criou-se uma expectativa entre os participantes de que faríamos um registro integral da atividade, algo que pudesse capturar toda a discussão e ser divulgado posteriormente entre eles, o que não se mostrou viável.

Acabamos não fazendo uso destas imagens no corpo do filme e o lugar ocupado por nós três do grupo de pesquisa também foi problematizado. Daniel e Danilo ficaram em uma posição distanciada de Marcos e Joli, pois naquele primeiro encontro a câmera já se colocava entre eles, fazendo com que se limitassem a uma atividade meramente técnica, fria, pouco dialógica. Ao mesmo tempo, Marcos e Joli me interrogavam se eu estava ali enquanto representante da AMV, incluindo-me em suas falas enquanto participante do movimento e demandando que me colocasse deste lugar no momento da discussão das agendas, realizada em pequenos grupos com membros de diversos cursos. A posição de alguém que representasse a AMV não me parecia confortável, e mesmo sendo colocado por eles neste lugar, a sensação de alteridade era evidente. O outro ganhava uma condição de estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo (AMORIM, 2001).

4.2

Discutindo as implicações do filme

A reunião onde discutiríamos coletivamente a construção do filme se aproximava. Um email foi enviado convocando todos os envolvidos com a AMV, lembrando que a reunião seria filmada, dentro da proposta de mostrar a construção do documentário no interior do filme. Entre os membros da AMV presentes estavam Fabiana (Coordenadora / Professora de Biologia), Joli (Coordenadora / Orientadora pedagógica), Marcos (Coordenador / Professor de Biologia e Espanhol), Suelen (Professora de Português) e Damião (Colaborador). Somente, os três primeiros acabaram acompanhando todo o processo, envolvendo reuniões, produção e saídas de gravação. Organizamos um semicírculo com as carteiras na

sala de aula. Danilo e Daniel se ocuparam das câmeras, Djalma captava o som, enquanto eu e os demais iniciávamos a conversa. O texto aqui pretende entrecruzar falas registradas no acontecimento da reunião, com os relatos do diário de campo e as afetações vividas enquanto pesquisador.

Depois de retomar brevemente o projeto e a questão disparadora do filme, começamos a deliberar como essa história seria contada e quem seriam as pessoas mais significativas para estar nela. Marcos reforça o fato de se considerarem um movimento social para além do pré-vestibular comunitário e fala sobre a importância de entrevistar as pessoas que fundaram a AMV, que participaram daquela iniciativa pioneira quando ainda funcionavam dentro do Colégio Estadual Ernesto Faria. Dentre os envolvidos surge o nome do diretor da escola na época, Paulo, começando um debate sobre a sua presença ou não no filme. Foi nesse momento que passei a conhecer melhor o contexto da transição para o prédio onde funcionam atualmente e as tensões que atravessaram aquele período:

André – A gente pode começar falando um pouco da idéia do filme, gostaria de dividir com vocês como a gente vai contar essa história do AMV, como um pré-vestibular que busca ser mais do que isso, que busca ser um espaço de formação cidadã, um espaço de formação humana, e como isso acontece, quais são os espaços em que isso acontece, quais são as pessoas que estão tocando isso, as dificuldades, os pontos que são favoráveis, os pontos que às vezes ficam mais difíceis, gostaria que a gente pudesse dividir como vamos construir o filme.

Fabiana – Você já pensa em alguma coisa?

André – O que a gente tinha pensado era de registrar os encontros, por exemplo, a gente acompanhou o Marcos e a Joli no fórum de prés, então filmar aquilo e aquilo já entrar como material do filme, mas o que a gente precisa pensar é uma certa linha narrativa, isso é o que eu acho que não está tão definido, está mais definido o tema, o material que a gente vai querer fazer que são entrevistas e acompanhar o dia-a-dia.

Marcos – Uma coisa que você falou foi que o Mangureira é um pré que busca ser um movimento, na verdade a gente nem busca mais, a gente já conseguiu fazer isso, já não é mais um pré, mas de qualquer maneira ele nunca foi só um pré, desde que ele foi fundado foi para colocar lideranças comunitárias. Eu acho que valia a pena por exemplo entrevistar o Fontinha, o Carlão. Carlão foi quem fundou com o Nivaldo, pessoal da antiga, o Paulinho chinelo, esse a gente tem como achar fácil, tem contato ainda com a gente. E de repente até o colégio onde ele foi fundado que é o Ernesto Faria, de repente o Paulo, o diretor.

Não se chegou a um consenso sobre o tema e o debate seguiu a respeito da forma que o documentário poderia tomar. Quantas pessoas seriam entrevistadas?

Qual seria seu tempo de duração? O que era possível ou não de incluir de acordo com o tempo previsto para esse projeto, que surge vinculado à minha dissertação? Havia um desejo de incluir muitas coisas, fatos, atividades e pessoas. Porém, o dispositivo filme colocava limites, a começar pela duração convencional de um filme documentário.

Ao final da reunião, terminado o levantamento, a lista inicial de possíveis participantes passava de 40 pessoas, das quais acabamos entrevistando pouco mais da metade. Deixamos um pouco de lado as questões sobre o formato, passando a nos concentrar na discussão do conteúdo para o filme. Quais discursos deveriam ser incluídos? Que tipo de fala teria ou não lugar naquele filme?

O embate nessa discussão aumentava ao se pensar sobre a possibilidade do registro de uma das atividades que planejávamos incluir no filme, denominada “Domingo é Dia de Cinema”. Essa atividade de formação é destinada a pré-vestibulares comunitários em geral e tem como um dos intuitos democratizar o acesso ao cinema fora do eixo comercial². Os filmes atravessam diferentes temáticas contemporâneas, tendo em comum a relevância política, histórica e social. São acompanhados de um caderno de textos e questões para o vestibular relacionadas ao que foi assistido, além de um debate após a exibição.

O próximo filme seria utilizado para trabalhar a temática de gênero e sexualidade, voltado para discussão sobre homofobia. Entretanto, experiências anteriores no mesmo espaço do Odeon mostravam que essa discussão seria mais difícil de trabalhar. Inclusive pela ausência de alunos, já que o outro filme de temática semelhante havia sido uma das sessões mais vazias da atividade. Questionava-se o impacto que teria para o filme a imagem de uma atividade de formação esvaziada. Por que escolher uma sessão que poderia estar vazia para entrar no filme? Talvez o mais importante não seria mostrar no documentário a atividade em si, sendo menos relevante a temática? Ou poderia ser mostrada a própria dificuldade de debater determinados temas tabus, vistos como menos relevantes do que a luta de classes ou o racismo, por exemplo? Acabamos não registrando essa atividade por limitações do projeto, mas de todo modo, a negociação em torno dessa questão, assim como muitas outras, apontava para um modo de funcionamento do grupo, alternando entre momentos mais descontraídos

² Realizada há mais de dez anos em parceria com o Grupo Estação, a atividade acontece atualmente no último domingo de cada mês no cinema Odeon ao preço de R\$ 2,00.

e situações de intensos embates nos espaços coletivos para tomar qualquer decisão.

Seguimos com o levantamento dos entrevistados, criando categorias e debatendo sobre quem seriam as pessoas mais indicadas para ocupá-las. Entre ex-alunos, ex-alunos cursando a universidade, alunos tentando o vestibular, professores antigos e atuais ou pessoas que fundaram o AMV, quem deveria ter espaços de fala no filme? Quais falas seriam possíveis ou não? Quais critérios para eleger ou excluir as pessoas? A linha do movimento passou a ser uma referência para encontrar essas respostas e fazer as escolhas. Linha essa amparada por um discurso marxista referido a luta de classes, crítico do modelo capitalista e de suas contradições internas, assim como as opressões de gênero, raça, orientação sexual. O grau de engajamento e contribuição das pessoas na história do AMV, assim como nas lutas sociais mais amplas, passou a ser debatido e negociado, servindo como parâmetro para as decisões sobre os entrevistados.

Naquele momento, tanto eu quanto a equipe de filmagem, ocupamos a condição de espectador, ficando alheio ao debate pelo desconhecimento dos acontecimentos, pessoas e relações destacadas ao longo dos 21 anos de história do movimento. Ficava com a impressão de que a linha do movimento poderia acabar limitando as possibilidades discursivas sobre o tema. As consequências desta escolha poderiam transformá-la em algo naturalizado, como se não tivesse sido construída e modificada ao longo do tempo, excluindo aqueles que de alguma forma não se encaixassem nela, mesmo que também tivessem participado da construção cotidiana daquele espaço.

Entretanto, o próprio andamento da reunião revelou que não seria possível realizar um filme “chapa branca”, sustentando um discurso oficial como se fosse representativo da totalidade do movimento ou deixando de fora a pluralidade de vozes e contradições internas que o habitavam. Tampouco era possível trazer a infinidade de discursos e imagens que compunham aquele espaço para a tela. Cada vez se tornava mais claro que o AMV do filme precisaria ser criado, inventado. Filmar o real não era uma opção. Mas então qual AMV deveríamos criar?

André – Podemos começar pensando quem serão as pessoas e como elas se ligam ao Mangureira.

Joli – Eu acho que podia fazer os grupos e aí se tiver uma procura grande, eu não acho legal excluir as pessoas.

Fabiana – Excluir como assim? Eu não acho não, eu acho que tem que escolher.

Joli – Acha?

Fabiana – Eu acho. Que excluir gente?

Joli – Se a gente tem um grupo de dez pessoas que querem falar, aí a gente vai escolher? Deixa todo mundo.

Marcos – Na hora de editar a gente tem que ver, por exemplo, se alguma opinião não cabe exatamente na nossa linha. Se o cara fala: “não, não vou ver filme de “viadinho”, por exemplo, aí tem que tirar do filme, tem que tirar do pré.

Fabiana – Não, mas não vai aparecer só coisas lindas no filme.

Marcos – Eu sei, não tenho problema nenhum com isso. Eu tenho se for contra a nossa linha entendeu?

André – Mas a idéia é que o filme possa trazer também as dificuldades.

Fabiana – Você fala de um jeito como se alguém falar uma coisa dessa dentro de sala de aula a decisão... parece que é um consenso que se alguém falar alguma coisa que está contra nossa linha, a decisão é expulsar a pessoa.

Marcos – Não, eu estou falando do filme.

Fabiana – Mas nem do filme, o filme não é o pré? Não é o documentário do pré?

Marcos – Não, o filme é um documentário sobre o AMV. Não é o AMV.

Fabiana – Então.

Marcos – Então, no filme as pessoas tem que ser livres pra ter suas opiniões. A questão é como o pré vai trabalhar essas visões.

Joli – Mas é importante que no filme apareça sim a nossa linha, tem que tá nítido, as pessoas que verem o filme tem que ver: o AMV pensa isso, mas isso é um processo, e dentro disso, as pessoas tem tempos diversos.

A quantidade de nomes e categorias para o filme aumentava e a consciência de que não seria possível incluir a todos também, apesar do desejo de alargar esses limites e a dificuldade de deixar algumas pessoas de fora, principalmente os alunos atuais, que acabariam se inteirando mais da construção do filme. O tema da exclusão, tão caro as práticas pedagógicas e as intenções que mobilizavam o movimento, era deslocado para o próprio filme. Aos poucos a palavra “excluir” foi sendo relativizada e cada vez mais se tornou possível pensar nos entrevistados

enquanto personagens do filme, onde determinadas pessoas seriam escolhidas para apresentar situações e condições para além delas mesmas enquanto indivíduos. Algo que contemplasse a experiência de um coletivo, de um grupo de pessoas ligadas à AMV que se encontram ou já se encontraram em determinada situação ou posição:

Fabiana - Eu acho que dentro desse problema de “excluir” ou não excluir as pessoas o mais complexo são os alunos que estão aqui porque eles vão saber que não estão sendo escolhidos, aí talvez possa ser todo mundo, não sei se vai ter tanta gente assim pra falar. Quanto às outras pessoas, eu acho que não dá. Vamos supor que a gente vai chamar o Carlão que fundou, tem outra pessoa que fundou que está viva³?

Marcos – Talvez tenha...

Fabiana – Mas aí a pessoa vai ver o documentário em algum lugar e vai falar: pô, nem me chamaram. Eu acho que não dá pra ter essa preocupação.

Marcos – Não, não dá.

Fabiana – Se a gente avalia quem são as pessoas representativas, que vão dizer, eu acho que é mais, não o indivíduo, mas que representam a mesma coisa, o mesmo momento. Então se a gente for escolher o grupo de pessoas que passaram pelo pré, estão na universidade e saíram. Eu não acho que se são dez pessoas e não pegarmos as dez pessoas, estamos excluindo. É alguém que vai representar esse momento, serão três pessoas, quatro pessoas, tá bom. Eu acho que tem que ser assim, e não vai ser excluir a pessoa.

O exercício de criação coletiva do filme começava a trazer as possíveis consequências das escolhas na hora da montagem. Uma vez finalizado, determinadas falas ou posturas ganham uma solidez no tempo e no espaço através das imagens, gerando efeitos, mesmo que em pequenas escalas. O reconhecimento do peso que uma fala adquire dentro de um filme causava a impressão de que a câmera aumentava a sua presença naquele momento.

Na categoria das pessoas ligadas à fundação, Paulo, o diretor do Colégio onde o AMV surge, volta a entrar em questão. Quais seriam as consequências de incluí-lo no filme, retratando a ruptura com o Colégio Ernesto Faria enquanto algo problemático. Se eventualmente não pudessem mais contar com o espaço atual, pedir para retornar ao colégio não seria mais uma opção. Sua presença no filme que começávamos a desenhar trazia consequências difíceis de manejar.

³ Sua fala faz referência ao Nivaldo, professor de matemática do Colégio Ernesto Faria, que foi o outro fundador da AMV. Ele faleceu em 1991, no segundo ano de existência do projeto.

Fabiana – Ele (Paulo) não ganhava nada com o pré.

Marcos – Começou a ter provas no dia da nossa aula. E aí não tinha cadeira, as cadeiras eram retiradas da sala pra fazer prova ou ele botava prova na nossa sala.

Fabiana - Eu acho que a gente tem que pensar para além de ir lá entrevistar o Paulo, assim o que a gente está disposto. Até em ter uma certa problemática depois do filme pronto, porque se a gente vai entrevistar o Paulo pra falar do pré, ele pode falar bem, que era legal, mas infelizmente no fim saíram. Agora se for entrevistar um de nós falando do Paulo, eu não vou falar que a gente saiu de lá por acaso, vai falar a realidade.

(...)

Joli – Eu acho que o que a Fabiana quis colocar é que uma vez que sai o filme, muda muita coisa.

Fabiana – Eu acho que o Paulo devia ficar por último se a gente vai chamá-lo ou não, a minha proposta é que o Paulo não seja fechado hoje, não é um consenso.

Entrando na categoria dos alunos, apesar de se ter a vontade de incluir a todos, alguns nomes foram sendo destacados. Priorizaram aqueles que estavam vivenciando um processo de empoderamento, engajando-se nas atividades da AMV e ocupando a posição de protagonistas de seus processos. Fabiana e Joli se remeteram às suas trajetórias enquanto alunas da AMV, trazendo a tona essa dimensão política da produção de subjetividade naquele espaço. As experiências vivenciadas ao longo de alguns anos no movimento revelavam processos de singularização, criando formas de se perceber e agir no mundo para além das imposições da *subjetivação capitalística* (GUATTARI, 2007). Segundo eles, conseguir que determinados alunos falassem para a câmera seria visto como uma vitória para o trabalho. A possibilidade de serem autores de seus discursos figurava como um valor na escolha dos alunos-personagens. O pôster pendurado do lado de fora da sala com a imagem de Paulo Freire se conectava a uma rede de forças, intenções e práticas, fazendo com que os sentidos contidos naquela imagem fossem uma referência para uma pedagogia libertária.

Joli – Alunos?

Marcos – Também acho que tem que ser todos, mas a gente tem que insistir, por exemplo, com a Natane.

André – Tem alguns alunos que são significativos.

Marcos – Natane tem que aparecer, porque teve um crescimento muito grande, pra ela é um crescimento muito grande se ela tiver coragem de falar na câmera.

Ao se aproximar do final daquele extenso levantamento, surgiu um pergunta sobre a minha participação. Você não vai falar no filme? Sou interpelado enquanto pesquisador a me posicionar e dizer por que procurar justamente aquele espaço e qual o sentido para buscar a construção daquele filme. Que ligação eu tinha com os pré-vestibulares comunitários e qual a razão de escolher justo aquele para retratar. Entretanto, não foi somente do lugar do pesquisador que surgiu aquela pergunta. Havia um interesse sobre a minha posição enquanto alguém que agora fazia parte do movimento também e como me via ali dentro.

As duas posições eram difíceis de manejar. O lugar de pesquisador me colocava fora, em uma relação alteritária com aquele espaço, aquelas pessoas e aquela história até então desconhecida. Mas havia uma cobrança para falar de dentro, a me colocar enquanto um deles, o que apesar de ser um fato, não me enxergava propriamente enquanto parte daquele coletivo. Sempre que me referia ao AMV usava a palavra “eles” e não “nós”.

Pensávamos como poderia acontecer essa proposta, ou seja, como a dimensão alteritária da relação entre pesquisador e seu outro, algo que se buscava fazer presente no texto, poderia ser transmitida nas imagens do filme. Qual estratégia poderia dar conta de cartografar o meu modo de transitar naquele movimento. O Daniel foi interpelado a compartilhar uma idéia sua sobre o assunto, algo que havia comentado em outro espaço com a Joli, passando naquele momento da condição de câmera para a de mais um personagem em cena. O lugar de direção passou a ser ocupado por Joli, pedindo que Danilo o filmasse falando. Os papéis foram trocados e a fronteira entre o plano da cena e os bastidores perdeu uma rigidez, sendo renegociada. Em sua fala, Daniel retomou a questão do sentido do filme, colocando a pergunta se estaria claro para eles a minha escolha pelo AMV dentro do universo do movimento de pré-vestibulares comunitários. A forma espontânea com que aquele questionamento surgiu pegou a nós dois de surpresa, ele se transformando em um novo personagem da cena e eu passando a me ver na posição de entrevistado ali mesmo, compartilhando o percurso que fiz até chegar ao AMV.

Fabiana – Quem mais que falta?

Marcos – O André. Você vai falar, não vai?

Suelen – Você também poderia falar do porque de você ter procurado o pré.

André – Pois é, eu acho que é importante entrar isso também em algum ponto.

Suelen – No final.

Marcos – Mas vai entrar como?

André – Eu acho que vocês podem me entrevistar também. Bolar uma entrevista (...) Eu posso falar.

Suelen – Então fala.

André – Na verdade esse tema já é um tema antigo pra mim, que eu estou procurando estudar ele desde a graduação, minha monografia foi sobre isso, foi sobre o pré-vestibular que eu trabalhava, o Invest. (...) só que lá eu sentia que eu não encontrava uma coisa pra além do vestibular (...) Então eu via que era uma coisa que caía um pouco pro assistencialismo e não necessariamente uma formação pra aquelas pessoas pensarem sobre a condição delas (...) Então eu fui estudando, como é que surgiu esse movimento? Busquei alguns textos, e esses textos que eu encontrei falavam do AMV como um espaço que surge a partir de um movimento social, que não se contenta somente em aprovar alunos no vestibular, que ele tinha uma intenção de formar os alunos pra serem sujeitos pensantes, sujeitos críticos que pudessem militar nessa causa. E quando eu começo a fazer essa pesquisa eu vou para o PVNC e aqui. No PVNC, eu acabo encontrando uma coisa muito mais parecida do que eu via no Invest e aqui não.

(...)

André – Mas quando eu vi isso eu falei: encontrei o lugar que eu estava procurando, os alunos estão aqui, vivem esse espaço, tem assembléia, existe a preocupação de decidir tudo no coletivo. Coisa que nesses outros espaços eu não encontrei, os alunos eram alunos mesmo, estavam numa posição de receber conteúdo do professor pra se capacitar pra fazer uma prova. Não tinha isso que vocês estão falando da Natane, por exemplo, de estarem acompanhando o desenvolvimento dela poder se afirmar mais, de poder falar e não ficar tão envergonhada, de poder sustentar a palavra dela. É isso que eu vim procurar, como esse espaço pode dar conta de fazer isso, como as pessoas fazem isso acontecer e tocam isso, então eu acho que o filme tem que falar disso.

Ao fazer o exercício de retomar um percurso pelos pré-vestibulares comunitários até a chegada no Mangureira, algumas pistas ficaram mais claras para pensar a produção de subjetividades naquele espaço geográfico. A estrutura e os equipamentos disponíveis permitiam outras circulações por parte dos alunos. A disponibilidade do uso da cozinha e a existência de uma mesa grande criavam um

ambiente acolhedor, uma materialidade que facilitava a construção de outros vínculos, muito mais difíceis de estabelecer no espaço formatado de uma sala de aula. A construção desses laços se via facilitada por aquela estrutura e os vínculos afetivos eram a condição para a negociação de outras formas de se perceber e estar no mundo, outras formas de produção de subjetividade e afirmação enquanto sujeito de direitos. Aquilo me fazia crer que o território afetivo construído naquele espaço era, em grande parte, um vetor de sustentação do movimento ao longo desses 21 anos de existência. Um ciclo atravessado por engajamentos político-afetivos fazia com que parte dos alunos que ingressavam nas universidades retornasse para o movimento na condição do professor.

Os rumos da conversa voltavam para a construção do filme, debruçando-se sobre a etapa final, depois que fossem captadas todas as imagens. Como construiríamos o roteiro, conseqüentemente definindo o que entraria e o que ficaria de fora da edição final? Fabiana ilustrou essa questão, imaginando a reação de um possível espectador ao filme: “Ah, por que você deixou isso de fora (do filme)?”. Ela mesma responde: “Por que não cabe, não dá pra ter tudo dentro, por que o filme é meu, é nosso.”.

Questionamos essa fala, lembrando que o filme seria também do espectador que o assistisse. Isso nos levava a pensar sobre nossas intenções com o filme, o que se esperava com ele e qual os efeitos que poderia vir a ter sobre um espectador genérico. O grupo fechado naquela sala, pensando sobre como construir um filme sobre a sua própria história se abria novamente a partir daí. A câmera enfatizava a dimensão alteritária daquele processo, mesmo no momento em que o filme estivesse pronto.

Um silêncio tomou conta do espaço. Pareciam ter sido pegos de surpresa, demorando um tempo até que conseguissem definir o que faziam e o que se buscava no AMV. E mais do que isso: Dentro do que faziam, o que teria uma real importância para ser compartilhado através do filme? Ficava claro outra vez que a idéia não era produzir algo para um registro interno, mas sim que o filme pudesse circular, dialogando com outras pessoas e grupos a respeito desse tipo de mobilização social. Novos sentidos sobre o documentário se apresentaram, dando uma consistência maior para orientar o trabalho das filmagens.

Fabiana – Aí vem o outro perguntar por que você deixou de fora tal coisa? Porque não cabe, tem o tempo.

Marcos – Porque o filme é meu.

Fabiana – Porque o filme é meu? O filme é nosso.

Daniel – Eu fiquei pensando ouvindo vocês falarem agora: “o filme é meu, o filme é nosso”. O filme é do espectador que vai assistir. O que esse espectador vai ver no filme? O que vocês pensam em passar com o filme, quer dizer, qual o sentido desse filme para o cara que vai assistir, que pode ser qualquer pessoa se esse filme rodar.

Joli – Pra mim é mais um espaço de formação. É mais um espaço pra trazer gente pra estar do nosso lado.

Marcos – Que lado, aqui do pré?

Joli – Não, do lado da luta, não necessariamente aqui.

Daniel – Mas que luta é essa?

(silêncio)

Suelen – Todos pela revolução (risos)

Marcos – Eu acho que é mais que isso, tem a linha, tem a revolução e tal, que revolução é essa? Mas eu acho...

Suelen – Com certeza, afinal de contas a gente milita por isso, por um mundo diferente, um mundo melhor.

Marcos – Eu acho que o AMV prova que o capitalismo não precisa existir. Todo mundo trabalha aqui pela necessidade do trabalho. Quando alguém vai à sala e pode ser eu, pode ser o André, pode ser um aluno... Quando alguém vai fazer pipoca, pra quem trabalha aqui a minha aula não vale mais do que a aula da Fabiana e nem vale mais do que você varrer o chão. Na verdade tudo vale a mesma coisa que é o valor de uso da coisa. A gente prova que dá pra se viver, e dura 20 anos, 21 anos agora. Tivemos um breve período de financiamento que já acabou, durou apenas dois anos, que provou que não é necessário. As coisas funcionam, basta as pessoas quererem. Qualquer coisa funciona, basta as pessoas quererem, o que não funciona é porque simplesmente não se quer que funcione. Não é o dinheiro que é o problema, o problema é a organização, inclusive nossa também. Eu acho que se o filme mostrar isso, eu acho que é o fundamental, mostrar que o principal é o querer e a organização.

Joli – Eu não sei se o principal é o querer Marcos, eu sei que não estava tão individualista na sua fala quando você falou isso, mas eu acho que não é só o querer, é o nosso objetivo, isso é o principal.

Marcos – É, mas nós queremos em conjunto, não sou eu que quero, é o querer em conjunto, isso é o fundamental.

Joli – É isso aí, nós temos um objetivo em comum, que é acabar com o capital (risos).

Marcos – É acabar com o capital, acabar com o racismo, acabar com a homofobia, acabar com uma série de coisa, mas enquanto não se acaba se faz o que? Se trabalha, e sem capital, sem racismo, sem homofobia, sem machismo.

André – Uma coisa que eu reparo, só de tentar fazer o pré, a forma como vocês vivem e se relacionam já ser um espaço que não está dentro dessa lógica, já é em si muita coisa, já vira um mundo pequeno, mas um mundo onde essas coisas não estão tomando as pessoas, não estão invadindo as pessoas, as relações não estão permeadas por isso. Aqui se tenta ter uma convivência onde essas coisas ficam do lado de fora, apesar de todo mundo estar no mundo e estar submetido a essas coisas que vocês estão falando, ao capital, ao racismo ... Ninguém está fora disso, mas aqui tenta se fazer um espaço que vá na contramão disso, pra formar as pessoas para estarem pensando fora disso, se posicionando na vida fora disso. Eu acho que isso que é o foco tanto da minha pesquisa, quanto do meu interesse, quanto da minha vontade de estar aqui fazendo o filme.

Convidando Guattari para essa conversa, o que estava sendo proposto era um uso do cinema enquanto máquina de expressão e produção de subjetividades na contramão da serialização, do assujeitamento e da planificação operada pelos valores capitalísticos. Esse uso já acontecia nos espaços de formação que trabalham a partir da exibição de filmes, tal como o “Domingo é Dia de Cinema” e o “Cena Preta”. Entretanto, a possibilidade de criar um registro áudio-visual na condição de co-autor, aprofundaria ainda mais as possibilidades desse uso em nome próprio.

Quando se afirma que o capitalismo não precisa existir e que o filme deveria servir para mostrar isso, o que se coloca em questão na construção do documentário é a possibilidade de afirmar outras formas de viver. Outras formas de estar no mundo e de se relacionar que não sejam atravessadas pelo capital. Um instrumento capaz de operar desvios nessa produção que sustenta e naturaliza as relações no mundo capitalista, isto é, a produção de desejos e subjetividades. Uma revolução molecular em nome de outras formas de existência humana, outras expressões coletivas do desejo, que escapem a normalização de comportamentos. “Trazer mais gente pro nosso lado” através do filme, representaria a tentativa de ampliar algo que se busca construir no espaço do AMV.

O filme passava a ser pensado como um instrumento de luta política, chegando a se pensar seu uso como forma de “propaganda”. Apesar de defendermos essa apropriação, considerávamos importante a inclusão dos elementos complicadores para suas práticas. A convivência naquele espaço, que

naquela altura passava de pouco mais de dois meses, mostrava uma série de problemas e dificuldades inerentes ao trabalho. Fortalecer e sustentar o engajamento por parte dos alunos e de parte dos professores nos espaços de formação e decisão dos rumos do pré não era tarefa fácil. O esvaziamento dos espaços coletivos era evidente e não poderia ficar de fora, assim como o desafio de pensar novas estratégias de mobilização.

Após mais de duas horas de reunião, um esboço do filme começava a ganhar corpo. Os personagens foram sendo definidos. A temática e o sentido de se produzir esse documentário ficavam mais claros, e elaboramos um cronograma preliminar de filmagens. Novos espaços de discussão foram criados para pensar o filme em termos pragmáticos e o roteiro foi ganhando maior consistência. Pretendíamos acompanhar o cotidiano do curso, registrando atividades e entrevistando as pessoas envolvidas na sua construção. Por se tratar de um dos pré-vestibulares comunitários pioneiros no Rio de Janeiro, decidimos incluir um resgate histórico de suas atividades a partir de entrevistas com os fundadores da então Mangureira Vestibulares, iniciando a narrativa em um período anterior a criação da associação. O filme deveria mostrar a AMV enquanto movimento político que se organiza como um pré-vestibular, construindo um espaço de formação para além da aprovação de seus alunos no ensino superior. Traríamos essa questão para a tela através de algumas atividades. Dentre as selecionadas, acabamos por registrar a visita ao assentamento do MST, discutindo questões sobre a reforma agrária e formas de produção com os alunos, e uma aula com o cartunista Carlos Lattuf, onde o mesmo situou seu ativismo marcando a importância das imagens no contemporâneo.

Nossa intenção era trazer para o filme a relação de um movimento local, que se constitui em prol de uma formação crítica e cidadã, com uma dimensão de luta política mais ampla, podendo criar um solo comum para um diálogo com espectadores de outros espaços. Em função disso, decidimos que o filme começaria com as cenas filmadas no “Grito dos Excluídos”. Nessa manifestação política, diferentes movimentos sociais marcham em protesto contra a exclusão social no dia 7 de setembro, logo após a parada dos militares. Segundo, informações retiradas de seu site:

O Grito dos Excluídos é uma manifestação popular carregada de simbolismo, é um espaço de animação e profecia, sempre aberto e plural, de pessoas, grupos, entidades, igrejas e movimentos sociais comprometidos com as causas dos excluídos (...) O Grito se define como um conjunto de manifestações realizadas no Dia da Pátria, 7 de setembro, tentando chamar à atenção da sociedade para as condições de crescente exclusão social na sociedade brasileira. Não é um movimento nem uma campanha, mas um espaço de participação livre e popular, em que os próprios excluídos, junto com os movimentos e entidades que os defendem, trazem à luz o protesto oculto nos esconderijos da sociedade e, ao mesmo tempo, o anseio por mudanças.⁴

O encontro desses movimentos tem a intenção de: 1) Denunciar o modelo político e econômico que, ao mesmo tempo, concentra riqueza e renda, condenando milhões de pessoas à exclusão social; 2) Tornar público, nas ruas e praças, o rosto desfigurado dos grupos excluídos, vítimas do desemprego, da miséria e da fome; 3) Propor caminhos alternativos ao modelo econômico neoliberal, de forma a desenvolver uma política de inclusão social, com a participação ampla de todos os cidadãos.

Partindo de um plano maior de lutas sociais, situaríamos a AMV nesse contexto, para em seguida mostrar seu espaço e circunscrever as ações relativas ao pré-vestibular comunitário. Como o foco do movimento não se limita ao vestibular, pensamos que ele também não deveria ter um lugar central no filme. A princípio, seria retratado como algo que acontece, talvez na metade do filme, mas deixaríamos claro que o processo não acaba neste ponto. Filmaríamos o vestibular da UERJ, mas algumas limitações impediram essa proposta. Ao final, ele acabou aparecendo somente nas falas dos entrevistados, sempre como uma barreira que dificulta o acesso das classes populares ao ensino superior.

As entrevistas mostrariam a diversidade de papéis e lugares sociais ocupados pelos integrantes da AMV, assim como os modos de engajamento e os efeitos transformadores proporcionados pelos encontros naquele espaço. Para isso, construímos diferentes categorias: fundadores, professores antigos, professores que se desligaram, professores que foram alunos, ex-alunos, ex-alunos na condição de universitários, alunos, professores, coordenadores e colaboradores. Essa divisão tinha a intenção de deflagrar o modo específico a partir do qual cada um se responsabiliza por aquele espaço. Neste ponto, abordaríamos as dificuldades da atuação política no contemporâneo e o esvaziamento dos espaços coletivos, pensando em estratégias para o fortalecimento da participação.

⁴ <http://www.gritodosexcluidos.org/historia/>

O foco do filme era afirmar a AMV enquanto espaço de *singularização*, operador de *revoluções moleculares* (GUATTARI, 2007) que fazem brechas no sistema de subjetivação dominante. Nesse sentido, buscamos nas entrevistas falas sobre as transformações nos modos de se perceber e se situar no campo social. Essa questão central para o filme nos aproxima novamente do trabalho de Barcellos (2007), remetendo para os modos singulares de apropriação do espaço acadêmico por parte dos jovens oriundos de pré-vestibulares comunitários.

No capítulo seguinte, abordaremos alguns acontecimentos ao longo do processo de filmagem. Sua construção tem um caráter fragmentário, buscando criar uma rede de conexões entre as situações do ambiente das gravações, as falas dos entrevistados e experiências vivenciadas pelo pesquisador no cotidiano do curso. Partindo de um diálogo com ex-alunos a respeito de suas vivências no ensino superior, retomaremos questões ligadas aos espaços de engajamento e a participação, no sentido de cartografar o fazer político que envolve as práticas na AMV. Como um eixo central das discussões, trabalharemos com a categoria de pré-universitário para radicalizar o lugar da política no contexto dos cursos pré-vestibulares comunitários.